

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE FAREWELL

POSFÁCIO

Vagner Camilo

COMPANHIA DAS LETRAS

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Raul Loureiro

Sobre detalhe da obra *O miolo da água*,
de Paulo Monteiro, aquarela sobre papel,

37,5 x 27,9 cm, 2011

Latin American and Caribbean Fund.

Digital image © 2016 The Museum of Modern Art,
Nova York/ Scala, Florence

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Ana Maria Alvares

REVISÃO

Huendel Viana

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Farewell/ Carlos Drummond de Andrade; posfácio
Vagner Camilo — 1^a ed. — São Paulo: Companhia das
Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2760-3

1. Poesia brasileira 1. Camilo, Vagner. II. Título.

16-04493

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira 869.1

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORARIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

- 9 Unidade
- 10 A carne envilecida
- 11 A casa do tempo perdido
- 12 Acordar, viver
- 13 A grande dor das cousas que passaram
- 14 A ilusão do migrante
- 16 A loja feminina
- 18 Aparição amorosa
- 20 Aristocracia
- 21 Arte em exposição
- 26 As identidades do poeta
- 28 A um ausente
- 29 Bordão
- 30 Cabaré Palácio
- 32 Canção final
- 33 Canção flautim
- 36 Coração-de-Carlos
- 37 Desligamento
- 38 Diante de uma criança
- 40 Dois sonhos
- 41 Duração
- 42 Elegia a um tucano morto
- 43 Enumeração
- 44 Escravo em Papelópolis
- 45 Fera
- 46 Fora de hora
- 47 Glaura revivida
- 48 Imagem, terra, memória
- 51 Invocação irada
- 52 Liberdade
- 53 Missão do corpo
- 54 Não passou

| | |
|-----|--|
| 55 | Noite de outubro |
| 56 | O malvindo |
| 58 | O peso de uma casa |
| 59 | O rei menino |
| 61 | O segundo, que me vigia |
| 62 | Os vasos serenos |
| 63 | Os 27 filmes de Greta Garbo |
| 66 | Perturbação |
| 67 | Por quê? |
| 68 | Queda |
| 69 | Reinauguração |
| 70 | Restos |
| 71 | Romancetes |
| 73 | Sono limpo |
| 74 | Tânatos tanajura |
| 76 | Verbos |
| 77 | Zona de Belo Horizonte, anos 20 |
| 79 | Posfácio |
| | <i>As ressonâncias do breve adeus,</i> |
| | VAGNER CAMILO |
| 93 | Leituras recomendadas |
| 94 | Cronologia |
| 100 | Crédito das imagens |
| 101 | Índice de primeiros versos |

FAREWELL

UNIDADE

As plantas sofrem como nós sofremos.
Por que não sofreriam,
se esta é a chave da unidade do mundo?

A flor sofre, tocada
por mão inconsciente.
Há uma queixa abafada
em sua docilidade.

A pedra é sofrimento
paralítico, eterno.

Não temos nós, animais,
sequer o privilégio de sofrer.

A CARNE ENVILECIDA

A carne encanecida chama o Diabo
e pede-lhe consolo. O Diabo atende
sob as mil formas de êxtase transido.
Volta a carne a sorrir, no vão intento
de sentir outra vez o que era graça
de amar em flor e em fluida beatitude.
Mas os dons infernais são novo agravo
à envilecida carne sem defesa,
e nada se resolve, e o aroma espalha-se
de flores calcinadas e de horror.

A CASA DO TEMPO PERDIDO

Bati no portão do tempo perdido, ninguém atendeu.
Bati segunda vez e outra mais e mais outra.
Resposta nenhuma.
A casa do tempo perdido está coberta de hera
pela metade; a outra metade são cinzas.

Casa onde não mora ninguém, e eu batendo e chamando
pela dor de chamar e não ser escutado.
Simplesmente bater. O eco devolve
minha ânsia de entreabrir esses paços gelados.
A noite e o dia se confundem no esperar,
no bater e bater.

O tempo perdido certamente não existe.
É o casarão vazio e condenado.

ACORDAR, VIVER

Como acordar sem sofrimento?
Recomeçar sem horror?
O sono transportou-me
àquele reino onde não existe vida
e eu quedo inerte sem paixão.

Como repetir, dia seguinte após dia seguinte,
a fábula inconclusa,
suportar a semelhança das coisas ásperas
de amanhã com as coisas ásperas de hoje?

Como proteger-me das feridas
que rasga em mim o acontecimento,
qualquer acontecimento
que lembra a Terra e sua púrpura
demente?
E mais aquela ferida que me inflijo
a cada hora, algoz
do inocente que não sou?

Ninguém responde, a vida é pétreia.

A GRANDE DOR DAS COUSAS QUE PASSARAM

A grande dor das cousas que passaram*
transmutou-se em finíssimo prazer
quando, entre fotos mil que se esgarçavam,
tive a fortuna e graça de te ver.

Os beijos e amavios que se amavam,
descuidados de teu e meu querer,
outra vez reflorindo, esvoaçaram
em orvalhada luz de amanhecer.

Ó bendito passado que era atroz,
e gozoso hoje terno se apresenta
e faz vibrar de novo a minha voz

para exaltar o redivivo amor
que de memória-imagem se alimenta
e em doçura converte o próprio horror!

* Verso de Camões. (N. A.)

A ILUSÃO DO MIGRANTE

Quando vim da minha terra,
se é que vim da minha terra
(não estou morto por lá?),
a correnteza do rio
me sussurrou vagamente
que eu havia de quedar
lá donde me despedia.

Os morros, empalidecidos
no entrecerrar-se da tarde,
pareciam me dizer
que não se pode voltar,
porque tudo é consequência
de um certo nascer ali.

Quando vim, se é que vim
de algum para outro lugar,
o mundo girava, alheio
à minha baça pessoa,
e no seu giro entrevi
que não se vai nem se volta
de sítio algum a nenhum.

Que carregamos as coisas,
moldura da nossa vida,
rígida cerca de arame,
na mais anônima célula,
e um chão, um riso, uma voz
ressoam incessantemente
em nossas fundas paredes.

Novas coisas, sucedendo-se,
iludem a nossa fome
de primitivo alimento.
As descobertas são máscaras
do mais obscuro real,
essa ferida alastrada
na pele de nossas almas.

Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.
Lá estou eu, enterrado
por baixo de falas mansas,
por baixo de negras sombras,
por baixo de lavras de ouro,
por baixo de gerações,
por baixo, eu sei, de mim mesmo,
este vivente enganado, enganoso.

A LOJA FEMININA

Cinco estátuas recamadas de verde
na loja, pela manhã, aguardam o acontecimento.
É próprio de estátuas aguardar sem prazo e cansaço
que os fados se cumpram ou deixem de cumprir-se.
Nenhuma ruga no imobilismo
de figurinos talhados para o eterno,
que é, afinal, novelo de circunstâncias.

Iguais as cinco, em postura vertical,
um pé à frente do outro quase suspenso
na hipótese de voo, que não se consumará,
em direção da porta sonora
a ser aberta para alguém desconhecido
— Vênus certamente, face múltipla —
assomar em tom de pesquisa,
apontando o estofo, o brinco, o imponderável
que as estátuas ocultam em sigilo de espelhos.

Passaram a noite em vigília,
nasceram ali, habitantes de aquário,
programadas em uniformes verde-musgo
para o serviço de bagatelas imprescindíveis.

Sabem que Vênus, cedo ou tarde,
provavelmente tarde e sem pintura,
chegará.
Chega, e o simples vulto
aciona as esculturas.

Ao cintilar de vitrinas e escaninhos,
objetos deixam de ser inanimados.
Antes de chegar à pele rósea,

a pulseira cinge no ar o braço imaginário.
O enfeite ocioso ganha majestade
própria de divinos atributos.
Tudo que a nudez torna mais bela
acende faíscas no desejo.
As estátuas sabem disto e propiciam
a cada centímetro de carne
uma satisfação de luxo erótico.

O ritmo dos passos e das curvas
das cinco estátuas vendedoras
gera no salão aveludado
a sensação de arte natural
que o corpo sabe impor à contingência.
Já não se tem certeza se é comércio
ou desfile de ninfas na campina
que o spot vai matizando em signos verdes
como tapeçaria desdobrante
do verde coletivo das estátuas.

Hora de almoço.
Dissolve-se o balé sem música no recinto.
Não há mais compradoras. Hora de sol
batendo nos desenhos caprichosos
de manso aquário já marmorizado.
As estátuas regressam à postura
imóvel de cegonhas ou de guardas.
São talvez manequins, de moças que eram.
O viço humano perde-se no artifício
de coisas integrantes de uma loja.
Se estão vivas, não sei. Se acaso dormem
o dormir egípcio de séculos,
se morreram (quem sabe), se jamais
existiram, pulsaram, se moveram,
não consigo saber, pois também eu
invisível na loja me dissolvo
nesse enigma de formas permutantes.

APARIÇÃO AMOROSA

Doce fantasma, por que me visitas
como em outros tempos nossos corpos se visitavam?
Tua transparência roça-me a pele, convida
a refazermos carícias impraticáveis: ninguém nunca
um beijo recebeu de rosto consumido.

Mas insistes, doçura. Ouço-te a voz,
mesma voz, mesmo timbre,
mesmas leves sílabas,
e aquele mesmo longo arquejo
em que te esvaias de prazer,
e nosso final descanso de camurça.

Então, convicto,
ouço teu nome, única parte de ti que não se dissolve
e continua existindo, puro som.
Aperto... o quê? A massa de ar em que te converteste
e beijo, beijo intensamente o nada.

Amado ser destruído, por que voltas
e és tão real assim tão ilusório?
Já nem distingo mais se és sombra
ou sombra sempre foraste, e nossa história
invenção de livro soletrado
sob pestanas sonolentas.
Terei um dia conhecido
teu vero corpo como hoje o sei
de enlaçar o vapor como se enlaça
uma ideia platônica no espaço?

O desejo perdura em ti que já não és,
querida ausente, a perseguir-me, suave?

Nunca pensei que os mortos
o mesmo ardor tivessem de outros dias
e no-lo transmitissem com chupadas
de fogo aceso e gelo matizados.

Tua visita ardente me consola.
Tua visita ardente me desola.
Tua visita, apenas uma esmola.

ARISTOCRACIA

O Conde de Lautréamont
era tão conde quanto eu,
que sendo o nobre Drummond
valho menos que um plebeu.

ARTE EM EXPOSIÇÃO

CASAMENTO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

COM A POBREZA (*Sassetta*)

O amor te escolheu
por seres a mais casta
entre virgens ideais.
A união é do ar
e da água e do pão
em migalhas.

AUTORRETRATO (*Soutine*)

Sou eu ou não sou eu?
Sou eu ou sou você?
Sou eu ou sou ninguém,
e ninguém me retrata?

MÚSICOS CEGOS (*Velázquez*)

Violino e guitarra são videntes,
olham pelos olhos dos cantantes.

RETRATO DE MADAME HÉBUTERNE (*Modigliani*)

Plantada na torre do pescoço,
a cabeça, na altura,
mal percebe nossas inquietações de planície.

O GRITO (*Munch*)

A natureza grita, apavorante.
Doem os ouvidos, dói o quadro.

LEDA (*Da Vinci*)

Já gozaste demais, diz Leda ao cisne.
Que venha logo Jove cataclismo.

GENTIL HOMEM BÊBADO (*Carrà*)

De Baudelaire o conselho:
É preciso estar sempre bêbado.
Além do imaginário e do real
é preciso estar sempre sóbrio
para pintar a bebedeira.

ODALISCA VERMELHA (*Matisse*)

A indolência da odalisca em rosa rubra
respira paz de lânguido fervor.
A sensualidade se dilui:
pura cor.

A CADEIRA (*Van Gogh*)

Ninguém está sentado,
mas adivinha-se o homem angustiado.

A CIGANA ADORMECIDA (*Henri Rousseau*)

Para te acordar
do sono profundo
disfarço-me: leão
que ao te roçar
esquece a missão.

A PONTE DE MANTES (*Corot*)

Assim quisera eu ser:
ponte árvore canoa água serena
ignorante de tudo mais bem longe.

A ANUNCIAÇÃO (*Fra Angelico*)

O anjo desprende-se da arquitetura
para dar a notícia
precisamente conforme a traça
de sublime arquiteto.

ALMOÇO SOBRE A RELVA (*Manet*)

Conversamos placidamente

junto da nudez
que pela primeira vez
não nos alucina.

VÊNUS E O ORGANISTA (*Ticiano*)
O som envolve a nudez
e chega ao cachorrinho.
O músico esquece a partitura.
As pulseiras de Vênus não escutam.

TIRADENTES (*Portinari*)
Fez-se a burocrática justiça.
O trono dorme invencível vingado.
Postas de carne do sonhador
referem o caminho das minas.

CAFÉ NOTURNO (*Van Gogh*)
Alucinação de mesas
que se comportam como fantasmas
reunidos
solitários
glaciais.

TRANSVERBERAÇÃO DE SANTA TERESA (*Bernini*)
Visão celestial, doce delírio.
Da cabeça aos pés nus
êxtase (orgasmo?) relampeia.

RETRATO DO CASAL ARNOLFINI (*Jan van Eyck*)
A imagem reproduz-se até o sem-fim.
O casal sem filhos
gera continuamente nos espelhos
a imagem de perpétuo casamento.

SALOMÉ (*Giorgione*)
Que instinto maternal, que suavidade
embala esta cabeça decepada?

VÊNUS ADORMECIDA (*Giorgione*)

Acalenta no sono

o púbis acordado.

JARDIM DO MANICÔMIO (*Van Gogh*)

O jardim onde passeia a ausência de razão
é todo ele ordem natural.

A terra acolhe o desvario
que assimila a verdura e a leveza do ar.

VOLTAIRE (*Houdon*)

O mundo não merece gargalhada. Basta-lhe
sorriso de descrença e zombaria.

SAPATOS (*Van Gogh*)

Cansaram-se de caminhar
ou o caminho se cansou?

AUTORRETRATO COM COPO DE VINHO (*Chagall*)

Seja celebrada a alegria nas alturas
por cima dócil das mulheres.

A cavalo melhor se chega ao céu.

QUADRO I (*Mondrian*)

Universo passado a limpo.

Linhas tortas ou sensuais desaparecem.

A cor, fruto de álgebra, perdura.

CARNAVAL DE ARLEQUIM (*Miró*)

Descobri que a vida é bailarina
e que nenhum ponto inerte
anula o viravoltar das coisas.

FUZILAMENTO NA MONCLOA (*Goya*)

Balé de tiros gritos corpos derrubados.

A lanterna tranquila
acena para a esperança da Ressurreição.

AS TRÊS GRAÇAS (*Rubens*)
Curvilíneos volumes se consultam
e concluem:
Beleza é redundância.

PIETÀ (*Miguel Ângelo*)
Dor é incomunicável.
O mármore comunica-se,
acus-a-nos a todos.

A DUQUESA DE ALBA (*Goya*)
Ser o cachorrinho da Duquesa
é de certo modo
ser uma partícula da Duquesa.

GIOCONDA (*Da Vinci*)
O ardiloso sorriso
alonga-se em silêncio
para contemporâneos e pôsteros,
ansiosos, em vão, por decifrá-lo.
Não há decifração. Há o sorriso.

RETRATO DE ERASMO DE ROTTERDAM
(*Quentin Metsys*)
Santidade de escrever,
insanidade de escrever
equivalem-se. O sábio
equilibra-se no caos.